

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte Estado de Minas Class.: 120

Data 25/04/85 Pg.: \_\_\_\_\_

## Associação condena o governo pela falta de proteção ao índio

A Associação Mineira de Defesa do Meio Ambiente distribuiu nota em que faz comentários sobre o Dia do Índio, que foi comemorado sexta-feira. Segundo a AMDA "19 de abril, dia em que a sociedade dita "civilizada" instituiu como Dia do Índio, é um dia como qualquer outro para o que resta dos cinco milhões existentes no Brasil, quando de seu descobrimento: dia de serem roubados, mortos, aviltados, expulsos de suas terras, desrespeitados até o último grau".

"O problema fundamental do índio é a terra — diz a AMDA. A terra que lhes é roubada dia a dia pelas grandes empresas, por fazendeiros, por posseiros com o apoio ou a omissão de governos estaduais, do governo federal, da Funai, da própria sociedade brasileira que, ou por desinformação, alienação ou preconceitos culturais e de raça, não se interessam pelo assunto. O índio brasileiro está totalmente desprotegido e não fosse sua própria luta, a solidariedade de órgãos civis, da Igreja, de alguns sertanistas, parlamentares e da imprensa, sua sorte seria hoje ainda pior. Talvez nem mais restassem 200 mil".

Ainda segundo a AMDA "a questão indígena brasileira pode ser vista por dois ângulos: o índio da região amazônica e os remanescentes no restante do País: Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e Nordeste. São situações mais ou menos idênticas, porém em estágios diferentes. Na Amazônia, apesar de grande parte da população indígena ter sido exterminada ou confinada em reservas, existem ainda muitas tribos que resistem ao chamado "aculturamento" e a serem retiradas de suas terras. O que o governo chama de "processo de coloniza-

ção" da Amazônia e nós chamamos de saque a seus recursos naturais é, no entanto, implacável em seu avanço. Poderíamos enumerar uma longa lista das violências cometidas contra a população indígena". Citamos alguns exemplos:

Como exemplos a AMDA cita: "Em 1980, o presidente da Funai, cel. João Carlos Nobre da Veiga, ameaçou publicamente Xavantes e Apurinãs, que reclamavam demarcação de suas reservas. O cel. Amaro Barbetas Ferreira, delegado da Funai, declarou: "A missão da Funai não é somente resolver problemas indígenas, mas também evitar grandes prejuízos a terceiros".

No mesmo ano — diz a AMDA — o governo federal construía rodovia entre Maués (AM) e Itaituba (PA), "cortando a reserva dos Sateré, e construía barragens que devastaram territórios indígenas sem que a Funai tenha tomado qualquer atitude para defender seus interesses, como barragens de Ibirama, Tucuruí, Balbina e Complexo Xingu, afetando terras dos grupos Xocó/Caingang/Guarani; Waimiri-Atroani (AM); Assurini, Aruete, Carará, Paracanã, Arara e Caiapó (PA)". Registrava-se, também, o descaso da Funai em relação aos Guajá (MA), grupo ameaçado de extinção e que sofreu, inclusive, envenenamento, além de terem suas terras invadidas".

"Ainda em 1980 — continua a AMDA — os Caiapós mataram 12 pessoas que trabalhavam em terras de sua propriedade. O cel. Nobre da Veiga reconhecia que pelo menos seis fazendas estavam instaladas dentro da área dos índios, mas a Funai não demarcou a reserva".

"Em 1977 — denuncia a AMDA — a antropóloga Delavair Melati, em um levantamento sobre a ação do Incra, descobriu que a terra dos Nambiquara estava sendo loteada. Mesmo após a denúncia, o Incra continuou seu "trabalho" e chegou a lotear 84 mil ha. A odisséia dos Cadíueus; que tiveram suas terras arrendadas pela Funai e invadidas por posseiros, somente teve um fim em fevereiro desse ano, quando ameaçaram expulsar pela violência os invasores. O governo do Mato Grosso e o Incra foram obrigados a tomar providências".

"Ainda esse ano — continua — a imprensa noticiava a invasão da aldeia Caiová em Mato Grosso do Sul, por fazendeiros armados e acompanhados por dois soldados da Polícia Militar, que expulsaram os índios de suas terras. Os Caiapós ocuparam, então, o garimpo de Maria Bonita, na Parafaba, em suas terras, e exigiram a demarcação pela Funai".

### Em Minas

A AMDR fala, também, dos índios que vivem em Minas e Espírito Santo e Espírito Santo, os Pataxós, Tupiniquins, Guaranis, Krenaks e Maxacalis: "Os Tupiniquins — acentua — que, em 1981, somavam cerca de 600 indivíduos, vivem no litoral capixaba, pescando e mendigando para sobreviver. Na década de 60, a multinacional Aracruz Celulose ocupou os 40 mil ha de suas terras, derrubando toda a mata, destruindo suas aldeias para plantar eucaliptos e implantar uma fábrica

de celulose que, por sinal, é uma dos grandes poluentes daquele Estado. Tudo isso, com o apoio do governo do Espírito Santo. Os 55 índios guaranis, que viviam junto com os Tupiniquins desde 1963, foram transferidos à força pela Funai, em 1972, para a Fazenda Guarani em Carmésia-MG".

Em relação aos Crenak, a AMDA diz que a "a história desses índios é das mais tristes, eles que são os únicos sobreviventes dos Botocudos, que habitavam as margens dos rios Doce, Jequitinhonha e Mucuri. Em 1920, o governo de Minas Gerais doou à União uma área de 40 mil ha, situada à margem esquerda do rio Doce, em Resplendor, para os índios Crenak. Em 1958, atendendo à ambição dos fazendeiros locais, a Funai os transferiu para o Posto Indígena de Maxacalis, de onde retornaram a pé. Em 1982, parte de sua terra foi transformada em uma colônia penal indígena. Nessa mesma época, invasões de suas terras entraram com processo reivindicando as terras, mas perderam. Foram transferidos, até algemados, para a Fazenda Guarani, transformada em prisão indígena, mas, em 1980, conseguiram fugir e comoveram todo o Estado com sua peregrinação em busca de sua terra natal. Conseguiram ocupar apenas 70 ha, onde se instalaram dispostos a morrer".

"Localizados em Bertópolis — MG, os Maxakali eram, em 1981, cerca de 500 índios. Hoje, vivem nos Postos Indígenas de Água Boa e Pradinho, que, apesar de serem demarcadas, não são aceitos pelos índios, pois habitavam originalmente uma área muito maior e contínua" — diz a AMDA. Em relação aos Xacriabá, a AMDA comenta que são cerca de 3500 índios, vivendo em Itacarandí; "Em 1728, receberam uma faixa de doação de terras na margem do rio São Francisco. A partir de 1967/69, a investida dos grileiros sobre suas terras se acentuou. A Ruralminas começava a implantar um projeto na região com o propósito de desenvolver um grandioso projeto agrícola e, com isto, atraiu a atenção dos grandes grupos empresariais e grandes fazendeiros da região". "Em 1977 — continua — os conflitos entre índios e fazendeiros se acentuaram e um forte contingente policial do DOPS e do destacamento de Montes Claros se deslocou para a área. Em 1979, a Funai realizou a demarcação de 46.470 ha de terra, que corresponde a menos da metade da terra, a que os Xacriabá têm direito. Além disso, após a demarcação, os fazendeiros e posseiros continuaram mantendo suas propriedades na área".

### A terra

"Para o índio — comenta a AMDA — a terra é tão importante quanto é o dinheiro para o branco. Mas não basta somente a terra. É preciso que ela tenha matas, bichos, rios limpos, pois aí ele caça, pesca, cresce e vive em comunhão com seu meio ambiente. Mas, para muitos, isso não é mais suficiente, pois, na maior parte do País — aqui em Minas Gerais por exemplo — o meio ambiente está degradado, já quase não existem matas e rios limpos, a terra está cansada e improdutiva.